



LESSING: ARTE POPULAR CULTA

FERNANDO RIBEIRO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

0.

«(...)

A raposa sorrindo, encetou a peça de carne e devorou-a com uma alegria maldosa. Mas em breve a alegria tornou-se impressão dolorosa; o veneno começou a fazer efeito e ela espichou.

Oxalá seja sempre veneno aquilo que ganhais com a vossa bajulação, malditos adutores!» (tradução nossa)

1.

As versões que conhecemos estão muito aquém desta, intitulada *Der Rabe und der Fuchs - O Corvo e a Raposa, II Livro:15, de Fabeln. Drei Bücher, 1759* - e à qual só poucos de nós tiveram acesso. Lessing escreveu-a e publicou-a mais de um século após La Fontaine ter publicado o conhecido apólogo intitulado *Le Corbeau et le Renard* que terminaria do seguinte modo:

«A ses mots le corbeau (...)

(...)ouvre un large bec, laisse tomber sa proie.

Le renard s'en saisit, et dit: Mon bon Monsieur,

Apprenez que tout flatteur

Vit aux dépens de celui qui l'écoute:

Cette leçon vaut bien un fromage, sans doute.

Le corbeau, honteux et confus,


Jura, mais un peu tard, qu'on ne lui prendrait plus»ⁱ.

Já desde Bocage conhecemos que :

«(...)

A tais palavras o corvo

Com louca, estranha afoiteza,



Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,
(...)« Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
À custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,
Tem destas para seu uso.»
(...)

Fui tolo em fiar-me dela;
Mas este logro me livra
De cair noutra esparrela.»ⁱⁱ

Já mais próximo de nós, Esther de Lemos traduziria:

«De fazer admirar a bela voz que tinha,
Abre o bico ... e é de ver, deixa cair o queijo.
Apanha-o a raposa, e diz com ar matreiro:
“sabei caro senhor, que sempre o lisonjeiro
Explora aqueles que o escutam por seu mal...
Esta minha lição vale um queijo ou não vale?”
Vendo então a esparrela em que fora apanhado
- Um pouco tarde, é certo – o corvo prometeu,
- Confuso e envergonhado:
- “Noutra não caio eu!”»ⁱⁱⁱ




-

O paradigma recuperado por La Fontaine no século XVII é mantido na íntegra por Bocage e Esther de Lemos: cumprir com a rima e, ainda que com outra medida rítmica, com a forma métrica respeitando assim os desígnios da poesia: passar o tempo de um modo agradável e simultaneamente útil. A rima e o metro respondem ao primeiro requisito, a lição moral ao segundo.^{iv}

O objectivo, segundo La Fontaine, consistia em propagar, desde a mais tenra idade, a virtude de forma imperceptível, para que o rei, o príncipe, em última instância o homem em formação, recebesse a instrução indispensável ao seu próprio auto-conhecimento e sobretudo ao da sua própria espécie.^v Assim reconverte La Fontaine a lição que Esopo no século VI a C. deixara na curta história intitulada *O Corvo e a Raposa* - (só intitulada *A Raposa e o Corvo* por Esther de Lemos, como no século I Fedro já fizera) : *Aviso aos néscios*. La Fontaine visava levar o Delfim de França a aprender “ sem esforço (ou, para dizer melhor, com agrado) tudo quanto é necessário que um príncipe saiba.”^{vi}

E esta foi uma das melhores fábulas, de entre o acervo do género legado pela tradição, que La Fontaine compôs em verso, ou seja, uma daquelas nas quais com “harmonia e imaginação”, condições indispensáveis à poesia , executou o objectivo primeiro a que a fábula tinha de obedecer: transmitir e inculcar concomitantemente a verdade.


A fábula, desde Platão preferida à poesia , não só por respeitar a brevidade e a concisão mas sobretudo por veicular a verdade, não constituía género poético; servia a retórica e seus três tipos de discurso – judicial, deliberativo e epidíctico – sendo essencial às “arengas públicas” tal como Aristóteles defendeu no XX capítulo, 1394a da sua *Retórica* no século IV a C..^{vii} Manifestava-se por isso como vital à arte da persuasão, na qual todo o embaixador deveria ser exímio como o demonstra Górgias, natural da Sicília, que veio a tornar-se professor de retórica



em Atenas. A fábula mantinha uma relação estreita com a vida concreta, daí o ser expressão adequada ao discurso epidíctico pois proporcionava em excelência soluções perante questões pertinentes (cf. *Les Membres et l'Estomac e Le pouvoir des Fables - Os membros e o estômago e O Poder das Fábulas*)^{viii}. Colectâneas de fábulas surgiram sobretudo ao longo da Antiguidade Clássica, da Idade Média integrando manuais para o exercício da retórica, chegando *inclusive* até aos dias de hoje pela via das escolas nos mosteiros que, dos séculos XI ao XV, lhes deram forma de livro.^{ix}

A fábula começa por isso sendo considerada um género literário menor devido também ao facto de a sua origem ser atribuída a Esopo e Fedro, ambos escravos ^x- ao primeiro atribuiu-se a forma em prosa, ao segundo a em poesia. Este género promove igualmente o poder da sátira, da crítica de costumes e elege o exemplo como forma de elucidar, ao pretender persuadir, o auditório adverso colocado perante dois pólos, dois contextos, em confronto, sobre os quais deveria tomar decisão – qual prova cabal da realização do objectivo visado. Tal como a parábola, a fábula baseia-se na comparação; não recorrendo todavia, apenas a incidentes humanos, individuais, familiares à maioria dos humanos e de avaliação incontroversa^{xi}.

Não obstante pretender persuadir, a fábula não deixa de ensinar e tornar mais sábios sobre a realidade animal, racional e irracional, os seus destinatários por muito que compare animais, vegetais, entidades mitológicas ao próprio o homem ^{xii}. Mesmo tratando-se de realidade ficcionada, tal não impede que seja reportada a uma realidade única, por isso plausível, distante de abstracções, enquanto favorecer naturalmente a analogia - garante exclusivo do princípio de aplicação indutiva cuja importância se impõe decisivamente à caracterização literária desta forma cujo valor poético se aproxima do filosófico à medida que deixa para trás o funcional-retórico^{xiii}. Apesar de a predilecção natural em




França, do século XVII, se dirigir para a forma leve e agradável, qual estratégia para garantir a maioria poética do corpo da fábula, La Fontaine jamais descarta o papel e valor da *alma* do apólogo: a moralidade que, quer à luz de Esopo quer à de Fedro, poderá surgir sob forma lapidar ora no final ora no princípio respectivamente ou mesmo nem sequer surgir quando a tal se prestar o assunto ou o espírito do escritor^{xiv}.

Para La Fontaine importa que o *exemplo fabuloso* demonstre sobretudo, através da brevidade e elegância, acções exemplares desempenhadas por animais, revelando sabedoria a fim de, quando ouvidas, serem os bons costumes inculcados ou confirmados conforme a idade do auditório de modo tão natural quanto natural será (gostar de) ouvir contos-retrato da realidade e sobre esta emitir juízos de valor^{xv}.

2.

O *Premier Recueil de Fables Choisies mises en Vers* publicado em França em 1668 e da autoria de La Fontaine foi traduzido por B. Nikisch em 1713 e publicado na cidade de Augsburg sob o título *Herrn de La Fontaine ins Deutsch übersetzt*. Não que a fábula não tivesse sido cultivada ao longo dos séculos passados; autores como Spervogel (1150-1200), ou K. v. Würzburg (1220-1287), G.v. Minden (1260-1278) cultivaram-na em médio-alto alemão - e também em latim - como H. Steinhöwel (1412-1482) ou Martin Luther (1483-1546) ou Abraham a Santa Clara (1644-1709) entre outros.

Todavia La Fontaine influenciou destacadamente e ao longo do século XVIII sobretudo autores como Hagedorn que em *Fabeln und Erzählungen* (1738) não só reconhece o ascendente dos clássicos Fedro, Ovídio como o dos modernos La Fontaine, A de La Motte; ou Gellert, autor de *Fabeln und Erzählungen*, o qual nos seus *Schriften zur Theorie und Geschichte der Fabel* (1744) defende ser a “fábula o mais antigo vestígio da inteligência da humanidade” denunciando-se




émulo declarado do poeta francês, chegando mesmo a ser comparado a Fedro por Friederich II da Prússia em *De la Littérature Allemande*. Também Brockes publicará a 1ª edição bilingue de *Fables Nouvelles avec un Discours sur la Fable* (1719) da autoria de A. H. de La Motte sob o título: *Irdisches Vergnügnen in Gott 1. Teil nebst einem Anhang etlichen übersetzten Fabeln des Herrn de La Motte*, em 1736 ; em 1742 publicou-se em Königsberg revista moral intitulada *Der deutsche Äsop* ; Lichtwer e Gleim publicaram também fábulas nas décadas seguintes: *Vier Bücher Aesopischer Fabeln in gebundener Schreibart und Erzählungen* (1748) e *Lieder, Fabeln und Romanzen* (1758), assim respectivamente intitulados^{xvi}.

Durante a primeira metade do século XVIII os autores alemães pautaram-se por assumir, sob influência francesa, o texto literário em geral e a fábula em particular como forma maravilhosa (*Wunderbare*) cuja função seria ensinar (*Belehrung*) e aperfeiçoar (*Besserung*), tal como Gottsched defende nos V e VI capítulos da sua *Critische Dichtkunst vor die Deutschen* (1730)^{xvii}. A fábula, ao divertir e ensinar, deveria – assim Breitinger em *Critische Dichtkunst* (1740) - despertar o leitor para uma verdade moral, preservada em relato curto, estruturado e acessível – assim Gellert em *Schriften zur Theorie und Geschichte der Fabel* (1744) – simples e conciso, tal como cultivado pelos clássicos – assim Gottsched enaltecendo as fábulas de Lichtwer, em recensão publicada no mensário *Das neueste aus der anmuthigen Gelehrsamkeit*.

3.


G.E. Lessing não ficou alheio ao sucesso obtido pela recepção aquém e além fronteiras das fábulas de Gellert, observado também na reedição sucessiva (1756-7-8) de *Fabeln und Erzählungen*, bem como de *Lieder Fabeln und Romanzen* de Gleim. Em 1757, traduz *Aesop's fables with instructive morals* de Samuel Richardson e em 1759, publica fábulas de sua autoria: *Fabeln . Drei Bücher nebst*



Abhandlungen mit dieser Dichtungsart verwandten Inhalte. Inova, ao re-introduzir a reflexão sobre esta forma literária pois realça em lugar específico aquilo que até aí tinha sido apresentado em prólogo, epílogo (Fedro), fábula, carta a, prefácio (La Fontaine), discurso sobre (A H. de La Motte): discussão e definição de fábula.


Antecedendo também os seus três livros de fábulas de um prefácio, Lessing marca a sua distância face a La Fontaine logo na 1ª fábula do I Livro: *Die Erscheinung - A Aparição*^{xviii}. A fábula serve a verdade, através da sua forma de encantar, todavia não deve o adorno ser fácil a ponto de corrompê-la com ornamentos ao estilo de La Fontaine, por virtude de o leitor ficar impedido de extrair a lição moral: « (...) esforcei-me por guarnecer um dos meus contos com o adorno fácil e poético, com o qual La Fontaine quase estragou com mimos a fábula (...) »^{xix}. Na 1ª do III Livro: *Der Besitzer des Bogens - O Dono do Arco*^{xx}, volta a sublinhar quão falsos serão os adornos por roubarem à substância a sua proficiência: « (...) e o artista gravou no arco toda uma caçada. – Mereces estes adornos, querido arco ! Entretanto (...) retesou-o e o arco (...) quebrou-se. »^{xxi}. Como paradigmática que é sempre a 1ª de cada um dos seus três Livros, também a do II Livro apresenta motivo clássico^{xxii} (embora não declarado por Lessing): da amálgama do passado surge por vezes criação nova em nada inferior à anterior – *Die eherne Bildsäule - A Estátua de Bronze*: « (...) massa informe (...) veio parar às mãos de outro artista que com habilidade, deu forma a nova escultura, diversa da primeira quanto ao que representava, igualando-a contudo em gosto e beleza. »^{xxiii}.

O valor da fábula para Lessing não residia no facto singular de se constituir forma, expressão menor de um estrato social não-dominante^{xxiv}. Aliás, defende a observação e respeito da forma utilizada por Esopo na Antiguidade: a prosa. Rejeita o verso por o considerar um ornamento, adorno dispensável, precisamente por ao verso faltar o que aquela naturalmente disponibilizava: a exactidão (*Präzision*), a concisão (*Kürze*) e a vivacidade (*Lebhaftigkeit*), tal como defende



em *I e IV Abhandlungen über die Fabel*^{xxv}. Seriam estas as características que toda a boa fábula deveria apresentar para educar e agir sobre o leitor suscitando-lhe a reflexão o bastante para que acesse à verdade. Caracterizando com exactidão as personagens, proporcionar-se-ia a dramatização dos valores por elas representados segundo a execução viva do princípio da contradição. Como resultado obter-se-ia a representação de acções com um realismo tal que a moral seria assimilada com toda a naturalidade pelo auditório visado, sem necessidade de destacá-la em prólogo ou epílogo – o valor do poeta, o valor poético do seu texto não dependia do peso moral ou carácter utilitário do sentido veiculado. Na sua *11. Brief, über die neueste Literatur betreffend* defende o método socrático como forma de testar a prática literária conducente à conclusão a suscitar no leitor. O valor poético evidente no texto literário decorria do equilíbrio entre **saber e imaginação**^{xxvi}.

A fábula, segundo Lessing, comungará dos universos da poesia e da moral por não ser exclusivamente movida pela expressão de cartilhas poeto-ideológicas, tal como assevera no prefácio ao volume das suas fábulas em prosa^{xxvii}. Deve recuperar e recriar temas e valores já apresentadas pela tradição (o segundo livro recupera 26 temas de Esopo e Fedro, os primeiro e terceiro livros oito e nove de Eliano, respectivamente) – qual alfobre da criação individual e genial. Ser o poeta génio, tal como Lessing defende na sua *127. Brief, über die neueste Literatur betreffend* de 18 VIII – 25 IX 1760, não significava virar as costas à tradição, antes recriá-la^{xxviii}. A fábula nem será descrição nem relato por imagens, representará uma sucessão organizada de transformações, sendo tão-somente ficção propiciadora da transmissão do conhecimento em vivacidade e naturalidade. Então a verdade moral (*moralische Wahrheit*) impôr-se-á ao leitor, sendo imediatamente captada por este porque a fábula, segundo Lessing, exige um caso peculiar (*besonderer Fall*), baseando-se numa proposição experiencial (*Erfahrungssatz*), responsável pela verosimilhança intrínseca (*innere Wahrscheinlichkeit*) do caso inventado (*erdichtet*), o qual só deste modo poderá




agir sobre a vontade (*Wille*) do leitor – assim adverte ao longo do seu I *Abhandlung über die Fabel*^{xxix}. A fábula acabará sendo tanto mais actuante e persuasiva quanto mais se distanciar da parábola e da alegoria e conseguiu-lo-á desde que a sua proposição moral se desdobre num exemplo prático, o que a tornará facilmente assimilável: “Sempre que remetermos uma proposição moral genérica a um caso peculiar, lhe conferirmos realidade e criarmos uma história a partir daí, na qual se pode conhecer a proposição genérica de um modo prático-intuitivo então designamos esta ficção por fábula”- eis a definição de fábula propalada por Lessing, justamente no primeiro tratado, intitulado *Da Natureza da Fábula*^{xxx}.

4.

“Escritores do meu país ! Será preciso ser ainda mais explícito!”^{xxxi}

Para Lessing, a fábula perde o carácter alegórico, porque nem a lição moral nem as personagens estarão escondidas (*versteckt*) como defendia de La Motte, nem disfarçadas (*verschleiert*) como advogava Breitinger, autores cuja definição de fábula Lessing critica neste primeiro tratado^{xxxii}. O entendimento quer das personagens quer da acção deve resultar claro, vivo e autêntico a fim de a lição moral não ocorrer como prescrição à conduta do leitor. Tudo na fábula deve consequentemente contribuir para o emprego da razão no acesso ao conhecimento. Na 11. *Brief, über die neueste Literatur betreffend*, Lessing destacará a fábula como próxima do processo de conhecimento científico, no qual, pela observação, percepção, directa e imediata dos factos e posterior tratamento analítico dos mesmos nascerá uma reflexão pessoal e profunda sobre a verdade e consequentes definições acertadas^{xxxiii}. A nova moral, tal como Lessing deixou registrado na 70. *Brief, über die neueste Literatur betreffend* decorre da liberdade poética perseguida pelo escritor ao oferecer ao leitor o testemunho do processo de dar forma a uma emanção do espírito - ideia - para aperfeiçoamento de ambas as entidades^{xxxiv}. A fábula distingue-se enquanto processo de busca da melhor forma para transmitir a verdade. Ao criador genial compete consequentemente re-organizar,




re-ordenar o real segundo “regras” que lhe serão inatas, não comandadas pela erudição, e inventar.

A fábula ensina a pensar autonomamente e só por isto será aconselhada à educação do jovem nos trilhos da genialidade: ou se é génio ou se será nada, dirá Lessing no seu V tratado intitulado *Da utilidade peculiar das fábulas nas escolas*^{xxxv}. Por seu lado o leitor postado perante esta inovação passará a fazer parte da acção, representando esteticamente o real, porque a própria arte produz o real como assevera no mesmo tratado^{xxxvi}.

A fábula manterá necessariamente a sua utilidade, mas esta perderá o seu foro moral e conquistará o heurístico : eis o aspecto vital tão típico do pensamento de Lessing cuja explanação no V Tratado faz conceder à fábula o seu pendor literário. Na 92. *Stück da Hamburgische Dramaturgie*, Lessing anuncia a existência de uma nova liberdade com esta literatura promotora de um real mais real aos olhos do leitor uma vez que as personagens representadas na sua dinâmica de “luz e sombra”,^{xxxvii} desenvolverão acções, tal como na natureza, segundo a sua própria condição, e não segundo atribuições arbitrárias. Consequentemente esta realidade estética, e também pedagógica, enquadrada socialmente, proporcionará uma realidade prospectiva que por seu lado granjeará o aplauso social e político do cidadão e burguês do seu século cujos ensejos se verão assim correspondidos - «O alemão aplicado reúne a colectânea de que o francês espertalhão tira partido.» O final da 9ª fábula do II Livro atesta assim o discutido por Lessing na 89. *Stück da Hamburgische Dramaturgie*^{xxxviii}.

5.

Lessing cumpre com o padrão de história curta, em prosa, cuja acção concentrada e linear representa incidentes breves, extraídos do quotidiano comum ao autor e ao leitor; trata-se de frescos de diálogo devida e sucintamente enquadrados explorando um estatuto dramático, nos quais personagens planas de desenho



linear se aproximam do *tipo*, para assim induzirem no auditório valores e exigirem ao narratário juízo moral cabal.

Na verdade, Lessing recupera de Esopo a narrativa curta relatando a história do corvo, senhor de pedaço de carne (o queijo foi motivo em Fedro e La Fontaine) assediado por raposa, lisonjeando-lhe beleza e graças respectivas, das quais a ave deveria dar testemunho, acrescentando voz equivalente caso pretendesse ser rei; aceitando o desafio, o corvo perde o alimento e fama, demonstrando logo carência da inteligência indispensável ao domínio sobre todos os animais. No entanto, Lessing aduz um pequeno pormenor inicial: a carne tinha sido envenenada e destinada aos gatos do vizinho do jardineiro.

De resto, o corvo surge comparado pela raposa à águia – « (...) Vogel des Jupiters ! » - e sentindo-se bem nessa atribuição de louvaminha – « Für wen siehst du mich an? – fragte der Rabe » – acede ao cumprimento do papel oferecido pelo adulator: » (...) mich Armen zu speisen (...) » ao « magnânimo e tolo »; acaba por « largar-lhe a presa e afinal » voar « dali ufano »^{xxxix}.

Estamos no centro da questão: somos, desde o século XVII, levados a emitir um juízo moral. Porquê?


O incidente é extraído do quotidiano. Somos colocados perante um dado de experiência que assim nos é trazido à percepção. No entanto, a sua validade objectiva não decorre do impacte causal que este incidente gera em nós^{xl}, mas antes de mais por surgir de um modo irrealmente real, ficcional, e sobretudo por gerar um raciocínio moral. Não estamos perante a descrição desse incidente, ou da sua explicação, mas perante a decisão, justificação de algo relativo ao foro pessoal e subjectivo. A encenação com personagens animais equivale ao *corpus* submetido à análise indispensável ao trabalho científico e vital à tese conclusiva que, por não ter referência externa, - não há análogo moral^{xli} - torna o juízo moral



diferencial específico da mais-valia desta forma literária.

Assim a fábula de e em Lessing, precisamente por não ter como em Esopo e em Fedro juízo moral em epílogo ou prólogo, respectivamente, suscita no leitor a pergunta cabal quanto ao caminho a seguir. O leitor sabe que esta dramatização do quotidiano se dirige à sua acção e pergunta-se facilmente em vez de: Que fazer?, Que **devo** fazer? Que deverei fazer? Como **deverei** agir, sabendo que esta situação se aplica à minha existência? - O pensamento gerado é do foro moral. E obedece aos desígnios da razão prática que rege as relações entre as acções e os desejos e crenças. Ao produzir um juízo moral ao estilo de Esopo – *Aviso aos néscios* – e de Fedro – *Nada há mais traiçoeiro que um adulator* - com carácter universal, sucinto, suficientemente crítico e veementemente réprobo, Lessing pressiona muito mais contundentemente o leitor. Exige –lhe o ónus da justificação da acção levada a cabo pela raposa - o corvo já tinha saído de cena. Esta abertura do compasso entre a inclinação, o desejo de seguir a esperteza da raposa, e a decisão colorida pela nossa opção, é a responsável pela condição humana que permite a entrada em cena da razão moral. Neste preciso momento pergunta-se já o narratário: Em que *devo* acreditar ? Os impulsos e desejos cedem o lugar ao exercício da razão, tão imperioso quão necessário! A raposa morre. E morte *deverá ser* o prémio de todo o adulator.

O valor da fábula, também e sobretudo em Lessing, advém de ser um instrumento moral que gera no homem a consciência da liberdade, ao denotar-se capaz de moralidade, i.e. de se ver a si mesmo e simultaneamente de se ver como os outros o vêem^{xlii} - implicada que está uma nova escolha decorrente do raciocínio moral. Se atentarmos bem, a raposa morreu pois ingerira alegre e maliciosamente a carne que não lhe estava destinada e que desta feita tinha sido envenenada pelo jardineiro. Suposta estava a morte do usurpador do alheio: a moral sancionadora era pré- existente. Lessing pretenderá por um lado destacar a existência de padrões morais universalmente aceites, constituintes de um sistema colectivo




objectivo e por outro de correspondentes a esses padrões universais no interior do próprio indivíduo^{xliii}. A oficina da razão distingue o homem livre do não livre por representar “localmente” – a partir do nosso próprio interior - a verdade e o bem assumidos através de um ponto de vista exterior a nós mesmos.

O leitor é levado a concordar com a condenação em declarada veemência, com a decisão fatal; Lessing responde assim à questão da opção exigida pela decisão; jamais encara a contemplação perante a qual poderá encontrar-se o afavelmente satisfeito leitor de Esopo, Fedro ou La Fontaine, que sorri ao ver sair ileso ladrão de ladrão.

6.

Contudo a boa fábula deve deixar tudo por dizer, deve deixar ao leitor a incumbência do proferir o juízo moral. A sua concisão poética deve ser de tal modo elíptica que a amálgama entre poesia e moral resulte exemplar. Na verdade, Lessing exprime o juízo moral, não o afirma: suscita-o no leitor. O corvo poderá parecer-se com o tipo representado em Esopo ou La Fontaine, a raposa já não. Porque também a verdade extraída da fábula pelo leitor de Lessing responsabiliza-o muito mais a ponto de o embrenhar na realidade histórica respectiva. Quer o fim quer o princípio da fábula pressupõem o conhecimento da tradição e ambos estimulam uma verdade destacável das estruturas semânticas encenadas por Lessing. Assim sendo, é da verdade como processo em formação na estrutura cognitiva do leitor que o autor fala^{xliv}. Qual afinal essa verdade?

Uma verdade quanto mais dramatizada pelo animal mais aceite como humana. Uma verdade que denote a estupidez do insensato sempre que não se aceder à harmonia universal expressa na existência e formação terrenas e sempre que se preferir a dimensão post-mortem e barroca. Lessing promove assim uma consciência cosmopolita no cidadão decorrente de uma procura da felicidade terrena entre cidadãos^{xlv} (cf. fábula *Der Geist des Salomo* - O espírito de



Salomão III Livro:3). À precipitação gananciosa da raposa corresponderá a morte, a fim de se ensinar a potencialidade do leitor em aprender a comportar-se bem para viver em felicidade: basta cumprir as regras interiores ao próprio homem emanadas da razão natural^{xlvi}. (cf. fábula Der wilde Apfelbaum - A macieira silvestre II Livro: 25) A interpelação concreta que a encenação racional da fábula faz ao leitor engrandece-o, pois reconhece-lhe a razão, anula a verdade transcendente e reflecte quanto do entendimento entre cidadãos dependeria uma situação comportável face ao poder político.

Tal significaria quanto da boa aplicação da sua função racional dependeria o género humano para se aperfeiçoar no distanciamento da sua própria alienação. Urgia por isso reconhecer o valor de regras elaboradas pela sua própria razão para rejeitar a obediência cega a-política e a-esclarecida ao passado^{xlvi}.

A fábula denota igualmente um outro momento capital desta segunda metade do século XVIII na Alemanha: a importância da educação – também por via da leitura extensiva e secular como é o caso – no fortalecimento de uma cultura nacional e burguesa extensível a estratos que não só os aristocratas.

E. Kant, no célebre *Beantwortung der Frage : Was ist Aufklärung?*(1784) sublinhou igualmente a importância da coragem implícita ao saber como função deste no fortalecimento de um poder esclarecido e equilibrado em processo de esclarecimento, i.e. em progressão^{xlvi}. Mais que a dos séculos anteriores, a fábula de Lessing comporta uma visão de futuro melhor para a humanidade, sendo por isso mais crítica e socialmente contundente.

7.

No paradigmático texto *Die Erziehung des Menschengeschlechts* (1777), Lessing defenderá uma sociedade independente da observação da lei para conquistar a

consciência moral, a qual permitirá praticar uma moral de responsabilidade, assim sublinharemos nos §§79,80,82,83^{xlix}. A única a que se pode aceder por se ser detentor da razão facultada por Deus, o criador, o educador, como se pode por exemplo destacar no 4 §ⁱ. A verdade é assim assimilável por uso da razão, a qual uma vez exercitada facultará a obtenção do grau supremo de luz, como assevera no 65 §^{li}. No lugar do temor perante o castigo depois da infracção, surgirá o regozijo na descoberta da realização do bem pelo bem – assim no 85 §^{lii}. E o género humano possuirá o evangelho da razão, comungará do esclarecimento da era moderna, como o próprio Lessing nos deixou em *Das Christentum der Vernunft*^{liii}.

Lisboa, Santa Cruz de Benfica, Abril de 2001

ⁱ La Fontaine, *Oeuvres Complètes*, org. P. Clarac, Paris:Seuil,1965,p.75.

ⁱⁱ La Fontaine, *Fábulas*, org. Cabral do Nascimento, tradutores vários, Lisboa: Editorial Minerva, 1973,pp.59-60.

ⁱⁱⁱ La Fontaine, *Fábulas de La Fontaine*, trad. Esther de Lemos, Lisboa: Verbo,1992,p.14.

^{iv} Fedro, *Fábulas de Fedro*, org. e trad. N. Firmino, Lisboa: Académica D.Filipa., 1943,p.9.

^v La Fontaine, *Oeuvres Complètes*, org. P. Clarac, Paris: Seuil, 1965, p.59.

^{vi} Ésope, *Fables*, org. e trad.C. Terreaux, s.L., Arlea, 1997, p.96; La Fontaine, op. cit., p.59.

^{vii} Aristóteles, *Retórica*, trad. M.^a Júnior et. al., Lisboa: INCM, 1998, p.148.

^{viii} La Fontaine, *op.cit.*, pp.90 e 128.

^{ix} W.Barner, et al., *Lessing, Epoche Werk und Wirkung*, München: Beck, 1975, p.224.

^x Fedro, *op.cit.*, p.40.

^{xi} R. Zimmer, «Aphorismus. Literarische Kleinformen» in AAVV *Fischer Lexikon Literatur*, org. U. Ricklefs, 3 vols, F/M:Fischer, 1997, pp.100-1; G. Sauder, «Aufklärung» in *ibidem*, pp158-9.

^{xii} La Fontaine, *op.cit.*, pp61-62.

^{xiii} G.W.F.Hegel, : *Werke* in 20 Bänden, Vol.XIII - *Vorlesung über die Ästhetik*, F/M:Suhrkamp, 1970,pp.494-5;499-500.

^{xiv} La Fontaine, *op.cit.*, p.63.

^{xv} *Ibidem*, p.62.

^{xvi} AAVV, *Deutsche Fabeln aus neun Jahrhunderten*, org. K. Becker, Leipzig :Reclam,1991, pp.475-531.

-
- xvii R.Dithmar, *Die Fabel – Geschichte Struktur und Didaktik*, Paderborn: Schöningh, 1988, pp. 74-9.
- xviii G.E.Lessing, *Werke in 8 Bänden*, Vol.I, München:C.Hanser Verlag, 1970, p.231.
- xix G.E.Lessing, *Werke*, Vol. V, München:C.H.Verlag, 1973, pp.411-2.
- xx G.E.Lessing, *Werke*, Vol.I, München:C.H.Verlag, 1970, p.259.
- xxi *Ibidem, idem.*
- xxii Fedro, op.cit., p.72.
- xxiii G.E.Lessing, op.cit., p.244.
- xxiv G.E.Lessing, *Werke*, Vol.V, München:C.H.Verlag, 1973, p.353.
- xxv *Ibidem*, pp.382-3;407.
- xxvi *Ibidem*, pp.54-5.
- xxvii *Ibidem*, p.353.
- xxviii *Ibidem*, p.316.
- xxix *Ibidem*, pp.367,378,382-4.
- xxx *Ibidem*, p.385.
- xxxi G.E.Lessing, *Werke*, Vol.I, München:C.H.Verlag, 1970, p.234.
- xxxii G.E.Lessing, *Werke*, Vol.V, München:C.H.Verlag, 1973, pp.358,370.
- xxxiii *Ibidem*, pp.52-5.
- xxxiv *Ibidem*, p.233.
- xxxv *Ibidem*, p.416.
- xxxvi *Ibidem*, pp.416,418-9.
- xxxvii G.E.Lessing, *Werke*, Vol.IV, München, 1973, p.657.
- xxxviii *Ibidem*, pp.643-4.
- xxxix G.E.Lessing, *Werke*, Vol. I, München: C.H.Verlag, 1970, p.251.
- xl Th. Nagel, *A Última Palavra*, trad. D.Murcho, Lisboa:Gradiva, 1999, p.122.
- xli *Ibidem*, p.121.
- xlii *Ibidem*, p.143.
- xliii *Ibidem*, p.140.
- xliv G.E. Lessing, *Werke*, Vol. V, München: C.H.Verlag, 1973, p.417.
- xliv G.E.Lessing, *Werke*, Vol. I, München:C.H.Verlag, 1970, pp.259-260.
- xlvi *Ibidem*, pp.255-6.
- xlvi G.Gusdorf, *Les Principes de la Pensée au Siècle des Lumières*, Paris:Payot, 1971, p.308.
- xlvi «Leben wir jetzt in einem aufgeklärten Zeitalter? So ist die Antwort: Nein, aber wohl in einem Zeitalter der Aufklärung.» in I.Kant, *Werke in 12 Bänden*, org.W.Weischedel, Vol.XI *Schriften zur Anthropologie, geschichtsphilosophie, Politik und Pädagogik*, F/M:Suhrkamp, 1981, p.59.
- xlvi G.E.Lessing, *Werke*, Vol.VIII, München:C.H.Verlag, 1979, pp.507-8.
- ¹ *Ibidem*, p.490.
- li *Ibidem*, p.503.
- lii *Ibidem*, p.508-10.
- lii *Das Christentum der Vernunft* : « § 25(...) moralische Wesen, das ist solche, welche einem Gesetze folgen können.§26 Dieses Gesetz ist aus ihrer eigenen Natur genommen, und kann kein anders sein, als : handle deinen individualistischen Vollkommenheiten gemäß.» in G.E.Lessing, *Werke*, Vol. VII, München:C.H.Verlag, 1976, p.281.